

THE CONQUERORS / 1932 (A Caravana)

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman / *Argumento:* Robert Lord a partir de uma história de “Howard Estabrook” / *Direção de fotografia:* Edward Cronjager / *Cenários:* Carrol Clark / *Guarda-roupa:* Josette de Lima / *Caracterização:* Ern Westmore / *Som:* John E. Tribby / *Montagem:* William Hamilton / *Música:* Max Steiner Orquestração: Bernhard Kaun / *Efeitos visuais:* Vernon L. Walker / *Sequências de transição:* Slavko Vorkapich / *Casting:* Robert Mayo / *Assistentes de realização:* James Anderson, Dolph Zimmer / *Interpretação:* Richard Dix (Roger Standish/Roger Lennox), Ann Harding (Caroline Ogden), Edna May Oliver (Matilda Blake), Guy Kibbee (Dan L. Blake), Julie Haydon (Frances Standish Lennox), Donald Cook (Warren Lennox), Walter Walker (Thomas B. Ogden), Wally Albright (gémea), Marilyn Knowlden (gémea), Harry Holman (Stubby), Jason Robards Sr. (Lane), E. H. Calvert (o médico) / *Não creditados:* Luis Alberni (agitador), Carl R. Botefuhr (um rapaz), James Donlan (Joe, bolsista), Richard 'Skeets' Gallagher (Benson), Robert Greig (Mr. Downey), Frank Lanning (radialista), Gus Leonard (Charlie, o barbeiro), John 'Skins' Miller (Skins), J. Carrol Naish (agitador), Henry Otho (Slade, o foragido), Elizabeth Patterson (a senhoria de Roger), Lee Phelps (Joe, empregado de bar), Jed Prouty (leiloeiro novaiorquino), Henry Roquemore (Mr. Drummond, banqueiro), Sailor Vincent (presidente de Fort Allen), Lucille Ward (mulher que levanta todo o seu dinheiro), etc.

Produção: RKO Radio Pictures (EUA, 1932) / *Produtores:* David O. Selznick / *Cópia:* 35mm (Library of Congress), preto e branco, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 86 minutos / *Estreia mundial:* 18 de novembro de 1932 / *Estreia comercial portuguesa:* 22 de maio de 1934 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Em outubro de 1931, David O. Selznick tinha acabado de chegar à RKO. Foi uma estadia curta. Ao fim de quinze meses já tinha batido com a porta, depois de um desaguisado com o presidente do estúdio, Merlin Aylesworth. Voltaria para a MGM até fundar a sua própria companhia que transformaria o cinema dos anos 1930. A estratégia de O. Selznick passava por converter o modelo de produção industrial fordista que até aí era prevalente num esquema de pequenas células de produção autónomas, onde cada filme e cada realizador eram tratados individualmente, à medida das suas necessidades. Era uma forma de cortar custos e de promover a criatividade dos cineastas (e, na verdade, conseguiu – nesse ano de 1932 – produzir o mesmo número de filmes com um orçamento 40% menor). Para levar a bom porto essa estratégia, O. Selznick começou por recrutar, dos concorrentes, alguns dos melhores realizadores. Contratou George Cukor e, no que respeita ao filme de hoje, “pediu emprestado” William A. Wellman à Warner Bros. Além disso, apostou na descoberta de novas estrelas. Foi sob a sua vigência na RKO que Katherine Hepburn, John Barrymore ou Fred Astaire receberem os seus primeiros contratos em Hollywood. Na verdade, O. Selznick já conhecia Wellman há algum tempo. Na Paramount, na viragem do mudo para o sonoro, tinham feito **Chinatown Nights** e **The Man I Love**, ambos em 1929. Depois de **The Conquerors**, e já na Selznick International Pictures, o produtor chamaria de novo o realizador para assinar **A Star is Born** e **Nothing Sacred** (ambos em Technicolor) e este participaria (sem ser creditado) em **Viva Villa!** e **The Adventures of Tom Sawyer**. Juntamente com Cukor, Wellman era um dos cineastas de confiança de O. Selznick e isso deve-se, certamente, à velocidade com que trabalhava, à disciplina que impunha e à confiança que tinha na sua visão. Segundo o filho do realizador, William Wellman Jr., “ele só tinha dois amigos no mundo dos estúdios, David O. Selznick e Dory Schary. Fora esses ele não se dava com ninguém.”

The Conquerors tinha como objetivo aproveitar a popularidade de **Cimarron** (1931), que havia conquistado três Oscars (Melhor Filme, Argumento Adaptado e Direção de Arte), dando de novo o papel principal a Richard Dix e inscrevendo mais uma vez a ação no interior rural americano no fim do século XIX. No entanto, o filme não foi, como se esperava, um sucesso comercial – bem pelo contrário, terá perdido cerca de meio milhão de dólares, o que corresponderia a mais de 12 milhões de prejuízo hoje em dia. Independentemente disso, **The Conquerors** seria um dos filmes “mais pessoais” da carreira de William A. Wellman, isto porque o realizador projetou na personagem e Roger Lennox muito do que havia sido a sua experiência na Primeira Grande Guerra. Disse-o na sua autobiografia e o filho, no livro que dedicou ao pai, confirma-o: “Muito da vida de Wellman foi integrado no filme: a participação no corpo de ambulâncias Norton-Harjes, o facto de ter sido piloto de combate na Lafayette Flying Corps, os pais que leem os feitos do filho nos jornais locais.”

Ainda antes de aparecer o título, surge no ecrã uma estranha composição: uma caravana de burros atravessa uma planície deserta e, no canto superior direito, aparece incrustada no céu a imagem de uma cidade moderna, feita de arranha-céus, como um prenúncio. É aí, nessa oposição entre passado e futuro, entre o tempo dos “colonos” e o tempo da “metrópole”, que se constrói **The Conquerors**. Caso dúvidas restassem, o prólogo faz questão de nos localizar no tempo e no espaço: 1873, Nova Iorque. Oitenta minutos depois, quando o filme chega ao fim, regressaremos a Nova Iorque, no ano de 1929, na altura do *crash*. Ao longos dessas seis décadas morrerão os velhos e nascerão os novos, ganhar-se-ão e perder-se-ão fortunas, e, pelo caminho, constrói-se a América – ou antes, uma ideia de América. Quatro são as gerações que atravessam esta história de família: um pai envelhecido, um casal pioneiro, dois filhos pequenos no Oeste, uma filha casada com um genro incapaz, um neto forte, uma descendência, um apelido, uma herança. Essa primeira “estranha composição” descreve, desde logo, o arco narrativo que vai de meados do século XIX às vanguardas do século XX (ao entre-guerras que ainda não se sabia que o seria): do *animal* ao *betão*, da *terra* ao *céu*, do *horizontal* ao *vertical*. E tudo em meros oitenta minutos (86 para ser exato!), com a escuridão e o dinamismo que caracteriza o cinema de Willam A. Wellman nesse arranque da década de trinta.

Mas se **The Conquerors** se define, desde logo, entre o “passado longínquo” do *far west* e o “presente” de então, narrativa e tonalmente o filme estrutura-se em torno de perturbadoras oposições. Logo no cartão do prólogo podemos ler referências a uma “jovem nação” que, por um lado, está “louca de ganância” e, por outro, “fervilhante de otimismo”. Wellman conta a história de quatro gerações dos Lennons e conta-a a partir desses dois sentimentos complementares, a ganância e o otimismo – uma no cravo, outra na ferradura. Não se trata necessariamente de uma história moral, não é exatamente um retrato apologético, não tem a força de um épico familiar ou sequer se apresenta como uma *cautionary tale* (dito “conto de advertência”). Não é nenhuma destas coisas, porque é um pouco de cada uma em doses moderadas. É cómico e trágico, é cínico e sentimental, é abrasivo e doce, é desconcertante e reconfortante. **The Conquerors** é um filme heteróclito – para usar uma palavra *muito cá de casa* – que se lança em diferentes géneros (arranca como melodrama sulista pós-Guerra Civil, avança de forma inusitada para o *western* infantojuvenil no primeiro ato, desenvolve-se numa tragédia familiar, em filme de guerra “à distância” e conclui-se como sátira de costumes memorialista) e, através de cada um desses géneros, propõe novas perspetivas sobre as mesmas personagens. Wellman compõe uma espécie de retrato cubista, onde cada década da vida daquela família é dada por um tom (um estilo, um género, um enquadramento), e cada ponto de vista molda e ilumina esse poliedro disforme que é o tempo cristalizado pela memória.

O crítico Manny Farber resumiu – acertadamente – o cinema de Wellman a partir dessa lógica cumulativa: “num filme de Bill Wellman há, pelo menos, quatro realizadores – o sentimentalista, o filósofo, o desbragado do vaudeville e o artista despachado”. **The Conquerors** confirma-o na perfeição. Que outro realizador seria capaz de, num mesmo filme, juntar: sequências de transição vanguardistas; aquele beijo à luz da lua, todo esfumado; comédia de bêbados que escorregam nas escadas, arrastam as palavras e adormecem em qualquer canto; aquela sequência quase pornográfica do barco (com o fático leme e o testicular contrapeso); a terrível secra daquele enforcamento coletivo (que antecipa, sem qualquer problematização, o clímax de **The Ox-Bow Incident**); o elogio ao “empreendedorismo bancário” feito por um falido; o suspense trágico do acidente de comboio (os “perigos” do progresso); o silêncio daquela cama vazia; a candura do casamento da filha; a tensão da cena em que aquele homem desesperado vem pedir contas ao banqueiro; a indecência daquele suicídio fora de campo seguido pelo choro do recém-nascido; a homenagem aos pioneiros do cinema mudo; a sequência de guerra “despachada” em pouco mais de um minuto (cheia de horror e morte); ou aquele fundido encadeado que fecha o filme no círculo da memória, como uma assombração que paira sobre os objetos. E tudo termina com a mesma “estranha composição” do princípio, como quem diz que, apesar de tudo (de todas as mortes, guerras, invenções, nascimentos e *crashes* da bolsa), as coisas não mudam tanto assim. Essa vontade de apaziguamento, que atravessa todo o filme, é aquilo que ele tem de mais comovente e, também, de mais cruel.